



A INFLUÊNCIA CLÁSSICA EM MÁRIO FAUSTINO: TRADUÇÃO CULTURAL NA POESIA BRASILEIRA

CARLOS EDUARDO DE SOUZA LIMA GOMES

Universidade Federal de Minas Gerais

(Brasil)

RESUMO

O presente trabalho integra uma proposta de estudo em desenvolvimento na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais que intenta detectar traços da presença clássica na literatura brasileira, tentando perceber se há um padrão na apropriação desses elementos. Como hipótese, partimos da ideia de que a literatura brasileira, buscando livrar-se da ideia de colonização, toma os valores e temas greco-latinos de forma não óbvia, adaptando-os à realidade nacional formando algo único para a leitura de mitos, estruturas e razões da literatura helênica e romana. A isso chamamos de *tradução cultural* e construímos essa ideia articulando propostas de Walter Benjamin (Castello Branco, 2008) sobre a tradução às de Julie Sanders (2006) sobre apropriação e adaptação. Como exercício, propomos, neste espaço a análise de dois poemas de Mário Faustino: *Agonistes* e *Divisamos assim o adolescente*. Esse exercício, acreditamos, é uma boa oportunidade para que percebamos algumas das possibilidades da abordagem indicada.

ABSTRACT

The present work integrates a study proposal that is being developed in the *Universidade Federal de Minas Gerais* that undertakes to detect traces of



classical presence in Brazilian literature, trying to perceive if there is a pattern in the appropriation of these elements. As hypothesis, we start from the idea that Brazilian literature, seeking to free itself from the colonization idea, takes the Greek-Latin values and themes in a non-obvious way, adapting them to the national reality, forming something unique for the reading of myths, structures and reasons of Hellenic and Roman literature. We call that *cultural translation* and we build this idea articulating Walter Benjamin's (Castello Branco, 2008) proposals about translation to Julie Sander's (2006) appropriation and adaptation sketches. As an exercise, we propose, in this paper, the analysis of two Mario Faustino's poems: *Agonistes* and *Divisamos assim o adolescente*. This exercise is, we believe, a good opportunity for us to perceive some of the possibilities of the indicated approach.

PALAVRAS-CHAVE:

Tradução Cultural-Mário Faustino-Literatura Brasileira-Tradução-Adaptação-Apropriação.

KEYWORDS:

Cultural Translation-Mário Faustino-Brazilian Literature-Translation-Adaptation-Appropriation.

Mário Faustino, jornalista, poeta e crítico literário, ganhou destaque alcançando o posto de editor do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB). Neste espaço ele buscou promover novos poetas, ampliar a leitura crítica daqueles mais tradicionais, além de publicar sua própria produção poética e reflexão teórica sobre o fazer poético. Um trágico acidente aéreo em 1962 pôs fim à sua



carreira fazendo com que tenhamos dele apenas um livro publicado em vida (*O homem e sua hora*, 1955) e uma coletânea póstuma, editada em 1966, apresentando composições encontradas no SDJB (Chaves, 2004).

O que se propõe nesse artigo é a aproximação de alguns dos poemas escritos por esse autor paraense para que seja buscada neles a forma como o autor se apropria dos temas da literatura grega. Acreditamos que essa abordagem nos auxiliará a construir o conceito de *tradução cultural*, associando a ele algumas propostas sobre tradução de Walter Benjamin (Castello Branco, 2008) e de Julie Sanders (2006) sobre adaptação e apropriação. Os textos escolhidos são: *Agonistes* e *Divisamos assim o adolescente*. Passemos então à análise desses textos tentando identificar os pontos indicados para a proposta de leitura, destacando os ecos da tradição clássica no texto faustino.

Os combates de *Agonistes*

Agonistes é um soneto, compostos em decassílabos e em rimas assimétricas (ABAB | ABCA | BCA | CAA). A herança clássica se faz presente já em seu título; este é uma transliteração do substantivo masculino grego *agōnistēs*, que significa “I que luta nos jogos, atleta” (Bailly, 2000, p. 21).¹ Chantraine (1968, p. 17) reforça essa ideia ao dizer que *Agōn*, *-ōnos* apresenta como “[...] sentido mais frequente em Homero e que se torna usual mais tarde é o de assembleia para os jogos, e por extensão combate e processo.”² Mas estaria esse combate retratado nos versos de Mário Faustino?

A resposta é ofertada de forma indireta já no segundo verso do soneto. Nele há a menção ao louro, reconhecidamente um símbolo de glória para os atletas na Antiguidade, além de diversos outros elementos que nos permitem inferir a

¹ Tradução livre para o original: “I qui lutte dans des jeux, athlète [...]”

² Tradução livre para o original: “[...] le sens le plus fréquent chez Homère et qui devient usuel plus tard est d’assemblée pour des jeux, et par extension combat et procès.”



presença da imagem do atleta. O texto segue evocando, repetidas vezes a figura de um redentor que dorme até que, no último terceto temos: “Dormia um redentor: e era bastante / Para acordá-lo o verso que bramia / No cérebro do atleta e lá morria.” (Faustino, 2009, p. 87)

Conforme pode ser visto, o atleta é mencionado textualmente no desfecho do poema como local de morada do verso que acordaria esse redentor dormente. Esse verso salvador associado ao atleta nos remete à imagem do esportista no mundo grego conforme analisado por Gumbrecht (2007), onde o *agōn*, a luta, a competição, seriam elementos do caráter dos deuses e os atletas propiciariam a aparição da divindade, um momento de epifania. Nas palavras do próprio Gumbrecht (2007, p. 13):

O que é necessário acontecer para que um jogador “entre na área” [estado de hipersensibilidade e tensão próprio da competição esportiva] dependerá, como diríamos hoje, de ele estar “ligado”, de um determinado jogo ser “dele” ou não – dependerá daquilo que os gregos chamam de inspiração divina.

O atleta então é tocado por essa inspiração divina e lança seu verso para que o redentor desperte e redima a todos os leitores, como o próprio momento singular do esporte. Pois, “[...] a bela jogada é epifânica porque ela é uma forma temporalizada, uma forma que começa a desaparecer no exato momento em que aparece” (Gumbrecht, 2007, p. 13). Gumbrecht (2007) desenvolve sua análise buscando no esporte moderno um momento de reencantamento do mundo na contramão da leitura weberiana do desencantamento moderno com o desenvolvimento da ética capitalista. Para a nossa análise esse tema –embora pertinente– não se mostra tão evidente nos versos de Faustino, ainda que não seja descabida uma leitura desse combate e da redenção como uma possibilidade de reencantamento para o mundo moderno. Porém, transferiremos nesse momento os holofotes para o combate em si, e não na figura “quase divina” do atleta.



O combate –o *agōn*– e o combatente –o *agōnistēs*– e sua relação com o verso nos sugerem uma interpretação de cunho metalinguístico. Nesse viés, o combatente seria o próprio poeta que, em sua luta diária, buscaria o verso que “brame em seu cérebro” e que muitas vezes “lá morre”. Ele seria capaz de evocar esse verso, essa inspiração divina –ou o louro do reconhecimento depois de vencido o combate?– e despertar o redentor, ou o próprio poema, que impacta no leitor que o recebe. Tal visada nos é avalizada pelo próprio autor de *Agonistes* que, em sua coluna de crítica literária no Jornal do Brasil sugeriu que:

A poesia provoca, deflagra, registra, sublima e decide a luta entre o poeta e o universo, luta que pode acabar ou pela derrota do artista –sempre de certo modo uma vitória– ou por um sereno pacto final entre os dois cosmos exterior e interior reconciliados. (Faustino, 1976 p. 31-32)

Os dizeres de Faustino sobre o efeito necessário da poesia na vida do leitor e a luta sempre evocada pela poesia para a constituição de uma reconciliação entre poeta e universo fazem com que pensemos ser a crítica um esforço de reflexão sobre o fazer poético. Mas, mais importante para nosso poema escolhido, a via contrária também nos parece válida, ou seja, o fazer poético é elemento de reflexão literária. É o mesmo combate proposto em *O lutador* de Carlos Drummond de Andrade em 1942, alguns anos antes do lançamento de *Agonistes*. No poema de Drummond lemos, para além de seus quatro primeiros versos declaradamente metalinguísticos, uma segunda estrofe que diz: “Palavra, palavra / (digo exasperado), / se me desafia, aceito o combate.” (Andrade, 2008, p. 244). E ainda: “Preferes o amor / de uma posse impura / e que venha o gozo / da maior tortura.” (Andrade, 2008, p. 244).

É a própria luta que se mostra evocada aqui; a gana da vitória do poeta; e o momento epifânico do gozo, ainda que provocado pela maior tortura. O diálogo de *Agonistes* com o texto drummondiano é de fácil percepção, sendo que o próprio *O lutador* referenda a proposta de análise metalinguística do texto



de Faustino que era um admirador declarado do Carlos Drummond (Faustino, 2003).

O soneto de Faustino se mostra assim rico de possibilidades dialógicas, estabelecendo pontos de contato com a língua grega, com a imagem do atleta no mundo antigo e, por fim, com a própria ideia de poesia contemporânea a ele. As múltiplas chaves de leitura sugerem um grande cuidado do poeta para a composição de versos concisos; um grande combate para a cristalização de uma versão final publicada. Em *Divisamos assim o adolescente*, tema de nossa próxima análise encontraremos problemas exatamente por seu caráter não finalizado como será evidenciado.

Um olhar sobre *Divisamos assim o adolescente*

O segundo poema não foi publicado em livro quando o poeta ainda vivia: faz parte da coletânea póstuma lançada em 1966 e reeditada pela Companhia das Letras em 2009. Maria Eugênia Boaventura, organizadora da edição de 2009, o coloca no bloco de *Esparcos e inéditos (1948-62)* indicando-o como de data indeterminada. O ano de 1948 é o ano da composição de seus primeiros poemas conforme pode ser atestado em correspondências com amigos enquanto que 1962 é o ano de seu falecimento; o poema, portanto, não havia sido considerado pelo próprio autor como finalizado para a publicação em 1955 ou, ainda, não encontrou espaço em um possível segundo livro dada a interrupção brusca na vida do autor.

O poema é também um soneto, de versos decassílabos e rimas com maior simetria do que *Agonistes* (ABAB | BABA | CDC | DEE). Seu tema é a beleza do adolescente e alguns elementos sugerem a presença clássica tais como no verso “Amado por um fauno sem presente” (Faustino, 2009, p. 141) ou ainda a sugestão da imagem de Sêmele –mãe de Dioniso, que Zeus teria fulminado



quando se mostrou em seu esplendor– nos versos “[...] até que um deus fendia / O céu, buscando arrebatá-lo, enquanto / Durasse ainda aquele breve encanto.” (Faustino, 2009, p. 141)

Esse encanto promovido pela figura do adolescente ecoa ainda o Fragmento 31 de Safo que retrata um estado alterado do eu lírico quando este avista o ser amado.³ Mário Faustino conhece a produção de Safo conforme indicado por Chaves (2004). A relação entre a poesia de Faustino e a de Safo é ainda mais evidente se considerarmos que ele possui um soneto cujo título é um verso inteiro de Safo que foi publicado no SDJB conforme Chaves (2004, p. 214), esse soneto é o *Ego de mona kateudo – Eu então sozinho me deito* (Faustino, 2009, p. 89).

Mas a relação entre o Fragmento 31 e o soneto de Faustino se limita ao encantamento, pois o foco do Fragmento de Safo é o efeito que a presença do amado causa no eu lírico, enquanto que no texto de faustiniiano a ênfase é dada à figura do adolescente, de sua beleza. O que representaria uma apropriação do tema, uma liberdade nessa apropriação, nesse diálogo com a autora de Lesbos. Essa liberdade de aproximação reflete mais uma vez o pensamento crítico de Faustino que nos aponta:

[A recepção do poeta deve] não mais imitar o objeto, não mais apenas comentar o objeto. Recriá-lo em estado de poesia. Uma percepção, portanto que pretende reunir o principal de todas as outras abordagens [...]

³ Safo, FR 31 Campbell: *He seems as fortunate as the gods to me, the man who sits opposite you and listens nearby to your sweet voice and lovely laughter. Truly that sets my heart trembling in my breast. For when I look at you for a moment, then it is no longer possible for me to speak; my tongue has snapped, at once a subtle fire has stolen beneath my flesh, I see nothing with my eyes, my ears hum, sweat pours from me, a trembling seizes me all over, I am greener than the grass, and it seems to me that I am little short of dying. But all can be endured, since ... even a poor man ...* (Campbell, 1990, p. 79;81)

Em uma tradução livre: *Ele me parece tão afortunado quanto os deuses, o homem que se assenta a seu lado e ouve de perto a sua doce voz e amável riso. Verdadeiramente coloca meu coração tremendo em meu peito. Pois quando o observo por um momento, então não é mais possível para mim falar; minha língua se despedaça, ao mesmo tempo em que um fogo sutil é imediatamente roubado de sob a minha pele, nada vejo com meus olhos, meus ouvidos zumbem, o suor me encharca, um tremor me toma inteiramente, sou mais verde que a grama, e me parece que estou aproximando-me da morte. Mas tudo isso pode ser suportado, desde ... mesmo um pobre homem ...*



acrescentando-lhes o que há de específico em seu próprio *approach*.
(Faustino, 1976, p. 53)

Assim, o poeta poderia recriar o mundo, recebendo influências diversas e adaptando-as à sua própria visão. Essa liberdade dá ao poeta a autonomia ao receber os temas clássicos e transportá-los à realidade brasileira –o que Mário Faustino faz com primor nos sonetos discutidos no presente trabalho. Mas isso diria algo de um método de como se apropriar da literatura antiga? Sugere uma metodologia de trabalho?

Tradução cultural: método possível?

Walter Benjamin, em seu texto sobre a tarefa do tradutor (Castello Branco, 2008) nos apresenta, em defesa da tradução justalinear, que

[...] requer-se da tradução uma confiança tão ilimitada que, assim como no texto língua e revelação se unificaram, na tradução literalidade e liberdade devem obrigatoriamente unir-se, sem tensões, na forma da versão justalinear. Pois todos os grandes escritos contêm, em certa medida [...] a sua tradução virtual entre as linhas. (Castello Branco, 2008, p. 81)

Concordamos com tal perspectiva para a tradução, pois parece-nos interessante a união entre a literalidade e a liberdade de modo a se unirem no esforço do tradutor para que ele seja capaz de fazer o texto original “falar” no novo ambiente de recepção. Porém, não percebemos que a solução seja dada pela justalinearidade –tão estranha ao público coetâneo. A tradução pode ter a liberdade de estabelecer um texto na língua de recepção ainda que algo da literalidade do texto se perca em algum momento. O que justificaria essa perda seria a necessidade de se transpor um original a um novo contexto, diverso daquele da produção, e que –por vezes– precisa de ser revitalizado pelo tradutor para que o leitor seja capaz de compreender pelo menos um dos sentidos definidos pelo original. Mas quando a tradução não é a de um texto, mas a de um tema, as relações podem se mostrar ainda mais complexas. Como



fazer com que seja compreendido pelo público brasileiro do século XX, tão distante e diverso da Grécia Arcaica, o olhar de encantamento proposto pela poetisa de Lesbos? Ou ainda, como Mário Faustino –e por extensão outros autores brasileiros– pode tentar demonstrar em seus versos a divindade que os gregos viam em seus atletas?

Acreditamos que o método possível é o da *Tradução Cultural*, onde a liberdade do tradutor é viabilizada através da perspectiva de adaptação e apropriação descrita por Sanders (2006), que defende que:

[...] devemos ver adaptação e apropriação literárias deste ponto mais positivo e vantajoso, vendo-as como criadoras de novas possibilidades culturais e estéticas que ficam ao lado dos textos que as inspiraram, antes os enriquecendo do que os ‘roubando’. (Sanders, 2006, p. 41)⁴

Claro que a literalidade é ainda uma questão que se coloca para aquele que pretende transpor o tema à cultura que o recebe, mas ao apropriar-se dos temas clássicos e traduzi-los ao universo brasileiro, Mário Faustino –e outros autores que adotam procedimentos semelhantes– estabelecem pontes importantes com o passado. Sem que esse passado ofusque sua produção, propondo antes um diálogo com o passado e não uma obediência cega a seus elementos. Com a recuperação dos clássicos pelo viés cultural, novas luzes sobre eles iluminam pontos até então não contemplados e renovam os estudos da área que se fortifica também por eles. É uma via de mão dupla estabelecida pela *tradução cultural*: a permanência do tema clássico no imaginário nacional; o fortalecimento da cultura nacional utilizando-a como referência no processo de apropriação e adaptação do tema clássico.

⁴ Tradução livre para o original: [...] *we need to view literary adaptation and appropriation from this more positive vantage point, seeing it as creating new cultural and aesthetic possibilities that stand alongside the texts which have inspired them, enriching rather than ‘robbing’ them.*



BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, C. D. (2008) *Antologia poética*, Rio de Janeiro.
- BAILLY, A. (2000) *Le grand Bailly*. 4. ed., Paris.
- CAMPBELL, D. P. (ed.) (1990) *Greek Lyric I*, Cambridge.
- CASTELLO BRANCO, L. (org.) (2008) *A tarefa do tradutor de Walter Benjamin*, Belo Horizonte.
- CHANTRAINE, P. (1968) *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, Paris.
Tomo I, A – Δ.
- CHAVES, L. S. (2004) *Mário Faustino: uma biografia literária*, Belo Horizonte.
- FAUSTINO, M. (1976) *Poesia-experiência*, São Paulo. (V. 136).
- (2003) *De Anchieta aos concretos*, São Paulo.
- (2009) *O homem e sua hora e outros poemas*, São Paulo.
- GUMBRECHT, H. U. (2007) “Perdido numa intensidade focada: esportes e estratégias de reencantamento”, *Aletria* 15: p. 11-19.
- SANDERS, J. (2006) *Adaptation and appropriation*, New York.